

**** NOTA: Esta é uma versão pré-final do artigo. A versão publicada encontra-se em: *Revista Internacional de Linguística Iberoamericana* 28 (2016): 139-155. ****

Hugo C. Cardoso*

Sincretismo diminutivo-feminino nos crioulos indo-portugueses¹

Este artigo descreve e analisa um sincretismo parcial entre diminutivo e feminino identificado nos crioulos indo-portugueses norteiros (em particular o de Diu e o crioulo extinto de Bombaim) que representa uma divergência em relação ao português, a sua principal língua lexificadora. Um levantamento dos crioulos luso-asiáticos em geral, feito com o intuito de definir o âmbito geográfico deste fenómeno, permite circunscrevê-lo à zona noroeste da Índia, em regiões com línguas dominantes indo-áricas (o guzerate e o marata). A partir desta observação, avançam-se e discutem-se diversos factores explicativos, alguns universais e outros ligados ao contributo das línguas de substrato/adstrato, potencialmente envolvidos no desenvolvimento do sincretismo diminutivo-feminino neste subgrupo dos crioulos de base lexical portuguesa.

Palavras-chave: Línguas crioulas; Indo-português; Sincretismo; Género feminino; Diminutivo.

1. Introdução

Neste artigo, analisaremos os destinos e valores semânticos de uma sequência derivada do diminutivo português *-inh-* nos crioulos norteiros, as variantes do indo-

* Hugo C. Cardoso é Investigador Auxiliar do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa e pesquisa temas relacionados com o contacto linguístico - em particular aquele que envolve o português - e a formação de línguas crioulas. O seu projecto de Doutoramento (Universiteit van Amsterdam, 2009) consistiu na documentação e descrição do crioulo de Diu e, desde então, fez trabalho semelhante também no sul da Índia (Cananor e Cochim) e Sri Lanka (Trincomalee e Batticaloa).

¹ O autor agradece a Clancy Clements e a Alan Baxter a partilha de dados relevantes para este estudo, bem como a um avaliador anónimo e aos participantes no Encontro Anual da *Associação de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola* de 2011, pelos seus comentários e sugestões. Qualquer falha é da exclusiva responsabilidade do autor. O texto foi preparado para publicação com o apoio da *Fundação para a Ciência e a Tecnologia*, através do programa *Investigador FCT* (IF/01009/2012).

português da costa noroeste da Índia, com vista a identificar os seus valores semânticos. Nestes crioulos, observa-se que, em contextos restritos, o sufixo adquiriu um novo valor como marcador de género feminino, para além de transmitir noções de tamanho e avaliação subjectiva tal como no português. O fenómeno de interpretação do sufixo diminutivo como marcador de género afigura-se relevante, tanto mais que é evidente tanto em dados actuais recolhidos em Diu, como em textos norteiros do início do séc. XX – nomeadamente o estudo de Schuchardt (1883) sobre o crioulo de Diu e o de Dalgado (1906) sobre o da região de Bombaim.

As secções 2 e 3 ocupam-se da descrição do fenómeno e da sua distribuição no contexto dos crioulos luso-asiáticos. Por fim, na secção 4, buscaremos uma explicação para a reinterpretação do sufixo nestes crioulos, uma análise que passa pelo reconhecimento de uma peculiaridade semântica e pragmática das línguas de substrato mas reconhece outros factores potencialmente relevantes.

2. Os diminutivos nos crioulos norteiros

O sufixo diminutivo português *-inh-* tem reflexos nos vários crioulos luso-asiáticos, ainda que com incidência variável e funções diversas em cada um. Tomando o crioulo de Diu como exemplo, notamos que, no seu léxico, a sequência correspondente *-iŋ* surge em diferentes contextos (Cardoso 2009: 254-255). Este sufixo é abundante no crioulo de Diu actual mas em algumas das suas ocorrências devemos questionar se é efectivamente segmentável, por não se poder identificar uma palavra relacionada sem a ocorrência de *-iŋ* (ex. *pisiŋ* “pedaço”, do port. *pedacinho*; *liŋ* “linha”, do port. *linha*; *alguriŋ* ou *agəriŋ* “brincos”, do port. *argolinha(s)*; *kūtiŋ* “conta [de colar]”, do port. *continha(s)*), ou quando a subtracção desta sequência resulta numa palavra crioula com sentido demasiado dissonante (ex. *ladiŋ* “ladaínha”, vs. *lad* “lado”; *kamiŋ* “caminho”, vs. *kam* “cama”). Nos casos em que efectivamente pode ser segmentado, revela normalmente um valor semântico que parece decorrer do sentido diminutivo do seu equivalente português, o qual, nessa língua, pode ainda ter uma função avaliativa – normalmente apreciativa – ou servir para buscar a benevolência do interlocutor (Villalva 2009):

- (1) a. *pas* *pasriŋ*
 “pássaro” “passarinho”
- b. *vak* *vakiŋ*
 “vaca” “vitela”
- c. *rat* *ratiŋ*
 “rato” “ratinho”
- d. *pok* *pokxiŋ*
 “pouco” “poucoquinho”

Por vezes, ainda que se possa compreender uma relação de derivação com uma outra palavra crioula, o sentido das palavras que incluem *-iŋ* não é inteiramente expectável a partir de uma leitura estritamente diminutiva, revelando um elevado grau de lexicalização:

- (2) a. *kals* *kalsiŋ*²
 “calças” “cuecas”
- b. *bol* *buliŋ*
 “bolo” “croquete, biscoito”
- c. *vid* *vidriŋ*
 “copo, vidro” “frasco”

Mais surpreendentes, porém – e o objecto central do nosso estudo –, são os casos nos quais *-iŋ* carrega um traço de género. Os crioulos norteiros, tal como as restantes variedades de indo-português, não contemplam a marcação generalizada de género nos elementos nominais. Contudo, os nomes que referenciam categorias humanas podem ser organizados em pares revelando oposições de género natural (ex. *pay* “pai”, *māy* “mãe”); em alguns destes pares, a distinção assenta na aplicação do sufixo *-iŋ* para expressar o traço [+ FEM], em contextos sem paralelo no português:

² Mas cf. o uso de *calcinha* no português do Brasil para o mesmo referente.

- (3) a. *avo* *avziŋ*
 “avô” “avó”
- b. *net* *netiŋ/nitiŋ*
 “neto” “neta”

Revela-se assim, do ponto de vista diacrónico, uma reinterpretação do sufixo diminutivo como marcador de género, resultante num sincretismo peculiar. Repare-se que, pontualmente, nalguns casos o sufixo assume uma forma ligeiramente diferente da que atrás descrevemos: em (3a), o sufixo ocorre introduzido por *-z-*, o que não é comum no crioulo de Diu e, contudo, é um reflexo fidedigno do que sucede nas formas diminutivas equivalentes em português, *avozinho* e *avozinha*; do mesmo modo, no exemplo (1c) o sufixo é introduzido por *-x-* em resposta à forma portuguesa *poucochinho*. Isto indica que a palavra crioula *avziŋ* não é uma derivação interna, independente do lexificador, antes constitui uma ressemantização de uma forma diminutiva/avaliativa portuguesa. O que é interessante é que se encontram casos semelhantes em corpora escritos dos crioulos norteiros recolhidos na transição entre os sécs. XIX e XX. Uma cantiga recolhida em Diu no final do séc. XIX revela o fenómeno num outro par que não ocorre nos corpora actuais:

Noibo com noibinh,
Galinh com pentinh
Baix de janell
Já trocá annel.

(Schuchardt 1883: 12)

No primeiro verso, *noibinh* significa “noiva”. O mesmo verso surge ainda em várias cantigas recolhidas por Sebastião Dalgado na região de Bombaim no início do séc. XX, uma das quais é transcrita a seguir. A adição da vogal final *-o* (estranha ao crioulo, como se explica na secção 4) nesta transcrição revela precisamente que a subtilidade semântica de que tratamos nem sempre foi apreendida em análises prévias destes crioulos:

Ai! Já açandeu a candeia, Senhor,

Com azeite margosa;

Ai! Noivo com noivinho, Senhor,

Na cama mimosa.

(Dalgado 1906: 212)

Este verso é recorrente nas cantigas recolhidas neste corpus, pelo que podemos considerar a oposição bem estabelecida entre a comunidade crioulofona de Bombaim (v. tb. Cardoso 2012: 148-149, 152). O editor destes textos, Sebastião Dalgado, reconhece o valor de género feminino neste caso e propõe uma interpretação similar para explicar a ocorrência de *menin* com o sentido de “menina” (Dalgado 1906: 152)³. Esta proposta é interessante uma vez que, a ser verdadeira, indicaria uma introdução produtiva do sufixo diminutivo/feminino por analogia com casos como *noivinh(o)*; contudo o corpus não nos indica se esta forma *menin* estava no crioulo de Bombaim em oposição a uma outra forma masculina relacionada (supostamente **menin* a partir do étimo original, ou **men* com supressão do sufixo). O mesmo se poderia dizer da palavra *nigarinha*⁴, comum aos crioulos norteiros como referência a “menina, filha” (Dalgado 1906: 224) sem que, contudo, se tenha registado um contraponto masculino relacionado.

Tal como no crioulo de Diu, também em Bombaim estes casos de significação feminina se aplicam a uma minoria das ocorrências das sequências cognatas de *-inh-*. Aqui, em muitos casos, pode ler-se um sentido puramente diminutivo e/ou afectuoso (exemplos retirados de Dalgado 1906):

- | | | |
|--------|--------------------------|-----------------------|
| (4) d. | <i>passarin</i> (p. 199) | <i>pastr</i> (p. 197) |
| | “passarinho” | “pássaro” |

³ Paralelamente, neste trecho Dalgado identifica também o uso de aumentativo com sentido de feminino associado a uma atitude pejorativa, que exemplifica unicamente com a palavra *cafrona* “preta”, derivada do exoetnónimo *caf*re usado genericamente para uma pessoa negra, nos contextos luso-asiáticos (Dalgado 1906: 152). A associação entre aumentativo e género feminino, apesar de parecer contraditório com o fenómeno de que aqui nos ocupamos, está também atestada noutras línguas do mundo (Jurafsky 1996).

⁴ Esta palavra merece alguma discussão suplementar, já que está atestada (com formas e grafias variáveis) em todos os crioulos norteiros: Diu, Damão, Bombaim e Korlai. No seu estudo das variantes de Bombaim, Dalgado identifica para a palavra *nigarinha/nigorinha* não apenas o sentido de “filha, menina” mas também o de “negrinha”. Assim, pode supor-se que a primeira acepção tenha derivado da segunda, pelo que ambas poderão ser, em última análise, reflexos de uma derivação diminutiva simples da palavra *negra*. Contudo, no desenvolvimento da primeira acepção, podemos também colocar a hipótese do envolvimento do substantivo português *nêngaro/nêngara* ou *nengro/nengra*, registado como um regionalismo transmontano e galego com o sentido de “criança recém-nascida” e também “boneco, boneca” (Pereira 1909; Michaëlis de Vasconcellos 1921: 88).

- b. *dedinho* (p. 211)
“dedinho”
- c. *gordinha* (p. 212)
“gordinha”
- d. *Borginh* (p. 207)
“Borginho”

Há ainda casos nos quais a sequência não parece derivar da aplicação de um sufixo diminutivo, como em *merinh* “sacristão” (p. 197), do port. *meirinho*; *mezinh* “remédio” (p. 206), do port. *mezinha* (ainda que nos crioulos norteiros exista a palavra *mez* “mesa”, esta semanticamente dissonante); ou *espinh* “arbusto espinhoso” (pp. 199-200), do port. *espinho*.

A evidência de *-inh* com valor de gênero é menos conclusiva com respeito a Damão. Apesar da míngua de dados ao nosso dispor, sabemos que o sufixo também ocorre nesta variedade, mas em nenhum dos casos referidos em Dalgado (1903) se pode identificar com segurança uma leitura feminina. Exemplos incluem *cabritinh* “cabritinho” (sendo corrente nestes crioulos a forma *kabrit* “cabrito”), *cavallinh* “potro” (usando-se também na região *kaval* “cavalo”), *boisinh* “bezerro” ou *cachorrinh* “cachorro” (Dalgado 1903: 9).

Assim, supomos que o fenómeno de sincretismo diminutivo-feminino deverá também ter (tido) expressão em Damão, em virtude das suas semelhanças com os crioulos de Diu e Bombaim, sem que disso tenhamos registo inequívoco. A forma *nigriñ* “menina, filha” acima referida é ainda corrente em Damão, em oposição a *bich* “menino, filho” (Clements, comunicação pessoal). Ainda que aqui se possa entender *-iñ* como uma aplicação do sufixo reinterpretado como feminino, apesar da ausência de um correspondente masculino, em termos globais não podemos de modo algum dizer que todas as aplicações do sufixo a referentes [+HUM] carreguem um traço de gênero feminino. Na verdade, a forma *babasinh* registada em Diu (Schuchardt 1883: 9) e até em Goa com a grafia *babasinho* (Dalgado 1900: 77)⁵ refere-se a um “menino” (e é assim traduzida), uma vez que *baba* significa “menino, rapaz” em contraponto a *baí* “menina,

⁵ Neste trecho, Dalgado refere ainda que, para além de Diu e Goa, a forma era também corrente em Mangalor e Macau (Dalgado 1900: 77).

rapariga”. Repare-se ainda que, no crioulo de Bombaim, apesar da demonstrada presença do sincretismo diminutivo-feminino, certos trechos revelam uma estratégia analítica concorrente para expressar distinções de género, com a aposição das palavras *mach* “macho” e *fem* “fêmea” ao substantivo: exs. *filh mach* “filho”, *filh fem* “filha” (Dalgado 1906: 152). No caso do crioulo de Diu, esta possibilidade também está registada na forma *fi-feme* “filha” que ocorre num curto diálogo publicado por Jerónimo Quadros (1907: 195).

3. O contexto luso-asiático

Regra geral, os textos de Diu, Damão e Bombaim apresentam uma incidência do sufixo diminutivo que não tem paralelo nos restantes crioulos luso-asiáticos, o que provavelmente indica que o sufixo foi particularmente produtivo nesta região. A este propósito, repare-se num verso recorrente no cancioneiro luso-asiático, o qual aparece com o formato *Minha pomba branca / Já perdê maridú* em Negapatão, como *Ai minho pombo branco, Margarita / Já nu tem marido* em Mangalor, como *Minh pomb blanc, Surumbá, / Ficou sem marid* em Damão, mas com a introdução do sufixo em estudo em Bombaim: *Minha pominha branca, Raminho, / Já perdeu amigo, Raminho* (Dalgado 1917: 45).

No que diz respeito ao sincretismo que nos ocupa, no contexto dos crioulos luso-asiáticos, o recurso a marcadores de diminutivo para expressar distinções de género parece ser uma prerrogativa dos crioulos norteiros – mas excluindo o de Korlai, que normalmente se conta entre este grupo. Neste último, ainda que se preserve o diminutivo etimológico, com a forma *-i*, em palavras como *kuləri* “colher” (Clements 1996: 265), do port. *colherinha*, ou *gati* “gatinho” (Clements 1996: 262), não se lhe reconhece em nenhum caso um valor de género feminino. Não é possível identificar nenhum par lógico no qual a forma feminina se distinga pela presença do sufixo em causa – com a possível excepção de *gali* “galinha” vs. *gal* “galo”, que, contudo, derivam directamente dos respectivos étimos (v. secção 4). Outros pares expressam a distinção através de contrastes

lexicais atribuíveis a uma retenção do português (5a,b), sufixação de outro tipo (5c) ou do recurso a um empréstimo do marata (5d):

- | | | | |
|--------|----------------------|-----------------------------|----------------------|
| (5) a. | <i>kāw</i> | <i>kadel</i> | |
| | “cão” | “cadela” | |
| b. | <i>pork</i> | <i>pɔrk</i> | |
| | “porco” | “porca” | |
| c. | <i>kawal</i> | <i>kawalɔn</i> ⁶ | |
| | “cavalo” | “égua” | |
| d. | <i>ɟatya / tɔnga</i> | <i>buf</i> | |
| | “búfalo” | “búfala” | (Clements 1996: 262) |

Em Korlai, no domínio das relações familiares, as distinções de género ora são ignoradas (ex. *net* “neto, neta”; *subri* “sobrinho, sobrinha”), ora recorrem a contrastes lexicais (ex. *irmāw* “irmão” vs. *irmā* “irmã”; *pay* “pai” vs. *may* “mãe”; *rhapa* “menino, filho” vs. *nigri* “menina, filha”), ora a processos de derivação de outra natureza (ex. *paywɔ* “avô”, *avɔ* “avó”) (v. Clements 1996: 274ff).

Ainda na Índia, os crioulos da antiga costa do Malabar, actual estado indiano de Kerala no sudoeste do país, têm vindo a ser documentados em tempos recentes (v. Cardoso 2014). Nos corpora recolhidos na cidade de Cananor (Cardoso 2006-2015) e em Vaipim, perto de Cochim (Cardoso 2007-2010), reconhece-se nalgumas palavras um reflexo do sufixo diminutivo português com as formas *-ini*, *-inhi* ou *-inhə*. Em muitos casos, esta terminação não corresponde a um sentido feminino ou sequer a um diminutivo, como por exemplo em *kaminhə* (do port. *caminho*). Noutros casos, como os de *madrini* (do port. *madrinha*) ou *pisinhi* “um pouco” (do port. *pedacinho*), não é possível identificar uma forma equivalente sem a terminação em causa para determinar o seu real valor semântico. Nos poucos casos em que isto acontece, transcritos a seguir, o sentido

⁶ Neste caso em particular, a terminação da forma feminina preserva um sufixo aumentativo do português -*ão/-ona*. Se a diacronia da forma *kawalɔn* “égua” tiver efectivamente passado pelo recurso a um aumentativo com sentido feminino, o que contraria a tendência de que nos ocupamos neste artigo, parece ser um caso isolado em Korlai mas que ecoa a proposta de Dalgado sobre a forma *cafrona* “preta” (v. nota de rodapé nr. 2) atestada em Bombaim.

parece ser exclusivamente diminutivo e não feminino (6a,b); a única potencial excepção é a que transcrevemos em (6c):

- | | | |
|--------|------------------|----------------|
| (6) a. | <i>vakə/bakə</i> | <i>vakini</i> |
| | “vaca” | “bezerro” |
| b. | <i>ratə</i> | <i>ratini</i> |
| | “rato” | “rato bebé” |
| c. | <i>galə</i> | <i>galinhə</i> |
| | “galo” | “galinha” |

A presença da oposição em (6c), como temos vindo a constatar, transcende a distribuição do sincretismo de que nos ocupamos entre os crioulos luso-asiáticos, o que certamente se explica por, neste caso, as formas crioulas corresponderem a uma retenção simples das formas portuguesas, sem necessidade de recorrer à aplicação de um mecanismo morfológico de sufixação. Acresce que, nos crioulos do Malabar, não há mais pares em que a terminação *-ini/-inhi/-inhə* possa marcar o género feminino – nem mesmo em pares lógicos como os das relações familiares, nas quais a distinção de género não a envolve (ex. *pay* “pai” vs. *māy* “mãe”; *irmō* “irmão” vs. *irmāē* “irmã”). Assim, não podemos dizer que esta terminação (cuja falta de produtividade actual põe em causa até o seu estatuto de sufixo) carregue o valor de feminino nos crioulos do Malabar.

No crioulo do Sri Lanka actual subsistem também traços lexicalizados do diminutivo português (ex. *pikinim* “pequeno”), mas este elemento não é usado com a função de desambiguador de género. No que diz respeito a categorias humanas, nota-se até que, quando a distinção de género não se apoia em alternâncias lexicais (7a), preservam-se as terminações vocálicas *-u* e *-ə* baseadas nos índices temáticos portugueses *-o* e *-a*, que se correlacionam fortemente com valores de género⁷ (Smith 1977: 95-96; 117; 172):

- (7) a. *gráenpəpa* *gráenməma*

⁷ Não sendo o género uma categoria flexional em português, como apontam diversos estudos (ex. Villalva 2003), não é rigoroso interpretar *-o* e *-a* como morfemas de género (Rio-Torto et al. 2013). Ainda assim, existe uma associação evidente, ainda que não categórica, entre estes (em particular) e os géneros masculino e feminino, respectivamente.

	“avô”	“avó”
b.	<i>fí:yu</i>	<i>fí:yə</i>
	“filho”	“filha”
c.	<i>so:gru</i>	<i>sɔ:grə</i>
	“sogro”	“sogra”
d.	<i>no:ywu</i>	<i>nɔ:ywə</i>
	“noivo”	“noiva”

Nos crioulos de Batávia e Tugu do final do séc. XIX, na actual Indonésia, o sufixo português subsistia num pequeno número de palavras (Schuchardt 1890), tais como *piklinoe* “pequenino”, *poesinjoe* “pedacinho” ou *kavrinjoe* “cafrinho”;⁸ e ainda em palavras para as quais nem em português se pode identificar a sequência como sendo um sufixo diminutivo, tais como *soebrinja* “sobrinha” ou *andrinjoe* “andorinha”. Nos casos de *bakinja* “vitela” (Schuchardt 1890: 131) e *alphontinho* “elefantezinho” (Schuchardt 1890: 132),⁹ o texto indica o que parece ser um sentido diminutivo, ainda que com uma forma concorrente formada através de uma estratégia analítica mais produtiva, como em *baca pikninoe* “vitela” (Schuchardt 1890: 131) e *alphontie piquino* “elefantezinho” (Schuchardt 1890: 132) – v. tb. *spiglo grandie* “espelho grande” vs. *spiglo pikninoe* “espelhinho” (Schuchardt 1890: 91), ou ainda *poorkoe pikninoe* “leitão” (Schuchardt 1890: 131).

A partir do corpus de Schuchardt (1890), Maurer (2011: 21-22) observa que, neste crioulo, os contrastes de género recorrem por vezes a alternâncias lexicais (ex. *paay* “pai” vs. *maay* “mãe”, Schuchardt 1890: 115), mas também a estruturas analíticas com palavras de significação masculina, como *ommie* “homem”, ou feminina, como *moleer/femi* “mulher” (ex. *cabra moleer* “cabra”, Schuchardt 1890: 131). No que diz respeito a categorias humanas, os pares para os quais, nos crioulos norteiros, se identificou o sentido feminino de *-inh-* não têm paralelo. Repare-se no seguinte exemplo (Schuchardt 1890: 66):

⁸ O texto publicado por Schuchardt foi transcrito com uma ortografia oralizante baseada em grande medida na ortografia do Neerlandês, em que a sequência <oe> representa [u] (v. Maurer 2011: 7-8).

⁹ A lista de vocabulário de Schuchardt (1890) contém alguns exemplos adicionais do sufixo diminutivo com referência a animais, a saber *cabritinho* “cabritinho” e *escaravelhinho* “escaravelhinho” (pp. 132, 138).

(8) *Isteh qie nos sa da bensang ka noijba noijboe*.¹⁰

DEM REL 1p HAB dar bênção OBJ noiva noivo

‘É assim que abençoamos a noiva e o noivo.’

Em contraste com o que antes descrevemos para o par equivalente de Bombaim mas em harmonia com o crioulo do Sri Lanka, aqui a distinção de género socorre-se da manutenção dos índices temáticos do português *-o* e *-a*. Este padrão repete-se noutros pares referentes a relações familiares (Schuchardt 1890: 115):

- | | | |
|--------|-------------------|------------------|
| (9) a. | <i>fieloe</i> | <i>fiela</i> |
| | “filho” | “filha” |
| b. | <i>donoe</i> | <i>dönnä</i> |
| | “avô” | “avó” |
| c. | <i>soebrinjoe</i> | <i>soebrinja</i> |
| | “sobrinho” | “sobrinha” |
| d. | <i>ientiadoe</i> | <i>ientiaa</i> |
| | “enteado” | “enteada” |

Contudo, quando o étimo restringe o recurso às terminações *-oe* vs. *-a*, aplica-se novamente a estratégia analítica: *iermang ommie* “irmão”, *iermang moleer* “irmã” (Schuchardt 1890: 115; tb. Maurer 2013: 133).

Também no Papia Kristang de Malaca o diminutivo etimológico tem reflexo limitado (Alan Baxter, comunicação pessoal), e não produtivo nas terminações *-inyu* e *-inya*, em casos como *pasturinyu* “passarinho” ou *unchinyu* “pouco”; e ainda em palavras que, provavelmente, terão sido incorporadas do português sem que o sufixo diminutivo tenha sido necessariamente interpretado como tal: ex. *padrinyu* “padrinho”, *madrinya* “madrinha”. Os contrastes de género natural, por seu lado, dependem de oposições lexicais ou recorrem à aposição das palavras *machu* “macho” e *fémi* “fêmea” ao

¹⁰ Abreviaturas utilizadas na glosa: 1p = (pronome de) primeira pessoa plural; DEM = demonstrativo; HAB = habitual; OBJ = marcador de objecto; REL = relativizador.

substantivo, incluindo com relações familiares que seriam de outro modo ambíguas, como *abó machu* “avô” e *abó fémi* (Baxter 2012: 124).

O crioulo de Macau também usa vários mecanismos para indicar contrastes de género. Como descreve Ferreira (1978), há neste crioulo uma particular retenção de pares de sufixos do português, manifestados nas terminações *-o* (m.) e *-a* (f.) (10a); *-ám* (m.) e *-óna* (f.) (10b); *-ám* (m.) e *-(o)a* (f.) (10c); ou *-dor* (m.) e *-déra* (f.) (10d) (v. tb. Baxter 2012: 126-130):

(10) a.	<i>porco</i>	<i>porca</i>
	“porco”	“porca”
b.	<i>vilám</i>	<i>vilóna</i>
	“vilão”	“vilã”
c.	<i>patrám</i>	<i>patroa</i>
	“patrão”	“patroa”
d.	<i>varedor</i>	<i>varedéra</i>
	“varredor”	“varredeira”

Uma outra opção, que já vimos noutros casos, é o recurso à palavra *fêmea* para indicar o género feminino, sobretudo de animais (ex. *áde* “pato” vs. *áde-fêmea* “pata”). Para além disso, há também vários pares em que indicação de género natural se faz ao nível lexical e não morfológico (ex. *pai* “pai” vs. *mai* “mãe”, *rê* “rei” vs. *rainha* “rainha”). O que não encontramos, mais uma vez, é a expansão de um marcador de diminutivo para indicar o género feminino.

Quanto ao extinto crioulo de Bidau, em Timor, o corpus disponível é extremamente limitado. Ainda assim, nota-se que a desambiguação de género, à semelhança de outros crioulos do sudeste asiático, era feita analiticamente com o emprego das palavras *mafu* “macho” ou *omi* “homem”, para o masculino, e *fémi* “fêmea” ou *mujer* “mulher”, para o feminino (Baxter 1990: 15).

4. Discussão

O levantamento dos reflexos e valores do diminutivo português nos crioulos luso-asiáticos demonstrou que o sincretismo entre os valores de diminutivo e feminino é um fenómeno geograficamente circunscrito que abrange os crioulos de Diu e Bombaim – e, possivelmente, também o de Damão, o que carece de confirmação. Nesta secção, procuramos identificar possíveis razões para este fenómeno tão localizado. Esta discussão desenvolve-se em torno de dois eixos complementares: o da motivação para o desenvolvimento de um mecanismo morfológico inovador para desambiguar género nestes crioulos e o das razões para a cooptação do diminutivo para essa função.

4.1. Motivação

Sendo os crioulos norteiros relativamente parcos na marcação morfológica de categorias nominais, podemos interrogar-nos sobre a motivação do sincretismo que nos ocupa. Um aspecto importante, que será óbvio, é que a aplicação do diminutivo sincrético nos crioulos norteiros vem suprir a ausência de elementos estruturais para a desambiguação de género nestas línguas. Esta é uma condição comum a outros crioulos, asiáticos e não só e, portanto, convém analisar a razão pela qual esta reinterpretação do sufixo diminutivo ocorreu (ou se cristalizou) apenas e precisamente nos crioulos norteiros.

Essencialmente, a desambiguação de género pode ser efectuada nos crioulos luso-asiáticos por uma de três vias: a) construções analíticas (com recurso a um desambiguador externo à palavra, como sucede em vários crioulos nos quais as palavras equivalentes a “macho/homem” e “fêmea/mulher” se aplicam para este fim; v. acima); b) afixação; c) contrastes ao nível do radical nominal. A terceira estratégia está atestada em todos os crioulos analisados: por exemplo, a distinção entre “pai” e “mãe” resulta em todos eles da preservação da distinção lexical do português. Para além disso, a solução de alguns dos crioulos que atrás discutimos (ex. Sri Lanka, Malaca, Batávia/Tugu) passa pela preservação das terminações que em português tendencialmente constroem oposições entre o masculino e o feminino de substantivos, associadas ou não a outras alterações concomitantes (ex. a alternância vocálica entre [o] e [ɔ]). Ora, sendo discutível

que estas terminações correspondam a sufixos produtivos nestas línguas, também nesses casos devemos entender a distinção entre um termo feminino e o seu equivalente masculino como um fenómeno do terceiro tipo.

Esta última solução está, porém, em grande medida vedada aos crioulos norteiros em virtude de uma importante característica fonológica que os distingue dos restantes crioulos luso-asiáticos e que afecta as terminações das palavras. No que diz respeito ao seu léxico de origem portuguesa (que constitui a vasta maioria), estas línguas revelam uma consistente tendência para a oxitonia, i.e. a coincidência do acento tónico com a última sílaba, e, para além disso, preservam a posição do acento herdada dos étimos portugueses (v. Cardoso 2009: 100ff; Cardoso 2012; Clements 2012: 30ff). Esta regra não implica particular adaptação das palavras agudas do português¹¹: ex. port. *ali* > Bombaim *alhi*, Damão, Diu e Korlai *ali*. Em todas as outras, porém, na sua adaptação ao crioulo suprimem-se as sílabas pós-tónicas do étimo português. Assim, a última vogal da palavra é a que corresponde à vogal tónica do étimo: ex. port. *rua* > Diu *ru*. Algum do material consonântico da(s) sílaba(s) pós-tónica(s) pode ser retido, integrado na coda da sílaba anterior: ex. port. *água* > Bombaim, Damão, Diu e Korlai *ag*; port. *roupa* > Bombaim *rôp*, Damão *rrop*, Diu *rop*, Korlai *rhop*.

Esta característica invalida a preservação dos índices temáticos *-o* e *-a* de substantivos portugueses nos crioulos norteiros, ao contrário do que acontece noutros da Ásia, uma vez que estes são vocálicos e átonos. Como tal, a expressão de distinções de género terá de recorrer a outros instrumentos. Em contraste com os índices temáticos *-o* e *-a* do português, o sufixo diminutivo *-inh-* é tónico e, como tal, um candidato adequado para esta função.

Para melhor compreendermos o caso norteiro, atentemos nos principais termos usados no crioulo de Diu moderno para exprimir pares de referentes humanos logicamente relacionados (adaptado de Cardoso 2009: 263-4):

(11) i.	<i>avo</i> “avô”	<i>avziŋ</i> “avó”
	<i>baba</i> “menino”	<i>bai</i> “menina”

¹¹ Fontes dos exemplos neste parágrafo: para Bombaim e região, Dalgado (1906); para Damão, Clements (comunicação pessoal); para Diu, Cardoso (2009; notas de campo); para Korlai, Clements (1996).

<i>irmãw</i> “irmão”	<i>irmã</i> “irmã”
<i>marid</i> “marido”	<i>muyɛr</i> “esposa”
<i>ɔm</i> “homem”	<i>muyɛr</i> “mulher”
<i>papa</i> “familiar sénior”	<i>mama</i> “familiar sénior”
<i>pay</i> “pai”	<i>mãy</i> “mãe”
<i>rapaz</i> “rapaz”	<i>raprig</i> “rapariga”
<i>siɲor</i> “senhor [X]”	<i>don</i> “senhora [X]”
<i>uncle</i> “tio; homem sénior”	<i>auntie</i> “tia; mulher sénior” ¹²

- ii. *kuɲad* “cunhado/cunhada”
 fil “filho/filha”
 man “mano/mana”
net “neto” *netiɲ/nitiɲ* “neta”
 noiv “noivo/noiva”
 prim “primo/prima”
 subriɲ “sobrinho/sobrinha”
 ti “tio/tia”

Desde logo, reparamos que nem todos os pares têm meios de desambiguação formal de género, sendo que as entradas não-ílicas são ambíguas a respeito do género do referente. A negrito surgem os casos de pares nos quais o sufixo diminutivo é chamado a marcar o género feminino – mas note-se que se exclui aqui o caso de *noiv*, por a forma diminutiva-feminina não ter sido atestada no discurso dos falantes actuais do crioulo.

As entradas em (11) estão organizadas em 2 grupos segundo os seguintes critérios:

- o grupo *i* contém pares que, na língua dadora (o português na maioria dos casos, mas não só), se distinguem com base em diferenças significativas (por vezes totais) ao nível do radical. Em todos estes casos, o crioulo mantém uma distinção não-morfológica

¹² É de notar que não se observa a aplicação da regra da oxitonia às palavras inglesas *uncle* e *auntie*, porventura por constituírem empréstimos recentes no crioulo ou serem tratadas ainda como externas a ele.

de género. O par *avo/avziŋ* é o único neste grupo que recorre ao sufixo diminutivo para indicar o género feminino, apesar de os étimos correspondentes *avô* e *avó* serem na realidade oxítonos; neste caso, a motivação para tal não terá sido a impossibilidade de manter as vogais finais mas, presumivelmente, o facto de a oposição entre /o/ e /ɔ/ ser neste crioulo relativamente ténue (manifestando-se apenas em sílabas tónicas, v. Cardoso 2009: 84-86) e não existirem exemplos desta oposição em sílabas finais abertas.

- em *ii*, incluem-se os pares nos quais, na língua dadora, a distinção de género se manifesta por contrastes de índices temáticos. Tendo em conta o que antes se disse, não surpreende que seja precisamente neste grupo que encontramos termos ambíguos em relação ao género. Notemos, antes de mais, a ocorrência de *noiv*, que, contudo, sabemos por textos antigos ter estado em oposição a *noivinh* “noiva” no passado. De resto, apenas *net/nitiŋ* introduziram um elemento de desambiguação de género. Entre os restantes, *fil* é bastante frequente; a ausência de distinção de género neste caso fica a dever-se ao facto de se poder recorrer ao par *rapaz* e *raprig* para referir os filhos, contornando-se assim a ambiguidade de *fil*.

4.2. Origens

Na busca de uma explicação para a reinterpretação do diminutivo, é importante compreender que a associação entre marcadores de género natural e diferenciais de tamanho é comum em certas regiões do planeta. Atente-se no modo como Aikhenvald (2000: 1037) caracteriza o fenómeno:

Primarily sex-based genders can have additional shape- and size-related meanings. In the languages of the Sepik region, feminine is associated with short, wide, and round, and masculine with long, tall, and narrow objects. Feminine is associated with small size and with diminutives in Afroasiatic and East-Nilotic languages; masculine gender includes long, thick, solid objects. Hollow, round, deep, flat, and thin objects are feminine in Kordofanian and Central Khoisan languages.

Os exemplos aqui citados referem-se exclusivamente ao continente africano (v. tb. Di Garbo 2014; Kossmann 2014), porém o fenómeno ocorre noutras regiões. A esse propósito, dizem Bekma/Geeraerts (2000: 1048):

A special case of the interaction between diminution and inflection is the syncretism between feminization and diminution [...]. Hasselrot (1957: 289-299) explains this as a kind of linguistic anthropomorphism: diminutivized forms have feminine gender because they denote smallness and weakness, features that are associated with women. In Bengali masculine nouns are feminized to express diminution: *dubha* 'big metallic ball', *dubhi* 'small metallic ball', and *hataura* 'big hammer', *hatauri* 'small hammer' exhibit the same opposition as *kora* 'boy', *kuri* 'girl'. In the language of the Massai big things obtain the masculine article *ol-*, whereas small objects get the feminine article *en-*: *ol-gume* 'big nose', *en-gume* 'small nose'; *ol-alem* 'sword', *en-alem* 'knife'. The connection between feminization and diminution does not appear in gender distinctions only. In Dutch, the diminution of first names for boys such as *Dirk* or *Geert* results in names for girls: *Dirkje*, *Geertje*. In Malay, adjectives that express the notions 'male' and 'female' have an augmentative and a diminutive function respectively: *bah jantan* 'male river → big river', *bah betina* 'female river → small river'.

O que nos indicam estas observações interlinguísticas é que o tipo de sincretismo de que nos ocupamos aqui não apenas tem precedentes noutras línguas como parece ter uma convincente explicação cognitiva (v. tb. Jurafsky 1996). Não seria, portanto, abusivo propor uma origem independente do fenómeno nos crioulos norteiros. Porém, notemos que, por definição, estas observações de carácter universalista são válidas para qualquer língua, independentemente do seu contexto linguístico – e, contudo, não encontrámos nos crioulos luso-asiáticos fora da região norteira desenvolvimentos paralelos. Acresce que, nas línguas do mundo, se observam outros percursos alternativos para o desenvolvimento de marcadores de género natural feminino. O próprio estudo de Jurafsky (1996), que sublinha a ligação entre feminino e diminutivo, observa também um sincretismo aumentativo-feminino em várias línguas – o que, aliás, é atestado no caso de Korlai (v. nota de rodapé nr. 5), ao passo que outros autores notam ainda, por exemplo, marcadores de género resultantes da gramaticalização de itens lexicais tais como as palavras para

“mãe” ou “mulher” (Heine & Kuteva 2002). É, por isso, importante levar em conta o possível contributo das línguas envolvidas no desenvolvimento dos crioulos norteiros: português, guzerate e marata.

Vejamos, em primeiro lugar, se o português poderá sustentar uma leitura feminina do sufixo prototipicamente associado ao diminutivo. Há alguns pares de palavras nos quais, de um ponto de vista puramente sincrónico, a sequência *-inh-* em conjunção com o elemento temático *-a* poderiam ser interpretados como marcadores de género feminino. Entre os que influíram nos crioulos norteiros, identificamos apenas dois: *galo* (*gal* no crioulo de Diu) vs. *galinha* (*galiŋ* no crioulo de Diu) e *rei* (*rey* no crioulo de Diu) vs. *rainha* (*raiŋ* no crioulo de Diu). É conveniente clarificar que, em português, nem *galinha* (do Lat. *gallina*) nem *rainha* (do Lat. *regina*) derivam historicamente da forma diminutiva dos masculinos correspondentes; o argumento é apenas o de que, sincronicamente, elas podem ser interpretadas como tal.

A possibilidade de o sincretismo diminutivo-feminino ter a sua base na simples expansão de um modelo herdado do português, não sendo despicienda, é, no mínimo, ténue. O contributo de dois pares de palavras num universo tão vasto como o de todo o léxico herdado do português parece pouco relevante como catalisador do processo de reinterpretação, sobretudo quando esse léxico contém muitos outros pares nos quais manifestamente o sufixo *-inh-* não pode ter valor feminino, tais como *sobrinho/sobrinha* ou *padrinho/madrinha*. Estes pares, sendo relativamente frequentes nos crioulos norteiros, podem certamente reforçar o processo quando este já estiver em curso mas talvez sejam insuficientes para o originar. Acresce que, mais uma vez, o input português é comum a todos os crioulos luso-asiáticos que investigámos, o que não nos permite explicar a limitada distribuição do fenómeno em análise. O contributo das línguas indo-áricas é essencial a esse respeito.

No trecho de Bekma/Geeraerts acima transcrito citam-se exemplos em bengala, uma língua indo-árica tal como o guzerate e o marata. Com efeito, nas línguas indo-áricas em geral, os marcadores regulares de género podem expressar distinções de tamanho e valores avaliativos quando aplicados a referentes inanimados (Masica 1991: 77-78). Este processo segue o seguinte modelo, aqui exemplificado com referência ao guzerate (*apud* Cardona 1965; Cardona/Suthar 2003):

Género	MASCULINO	FEMININO	NEUTRO
Valor	Tamanho (grande)	Tamanho (pequeno)	Rudeza / Aval. Pejorativa
Exemplos	<i>roṭlo</i> “pão espesso” <i>cāmco</i> “colher”	<i>roṭli</i> “pão fino” <i>cāmci</i> “colher de chá”	<i>roṭlũ</i> “pão tosco” --

Em marata, a marcação de feminino funciona também por vezes, quando associado a referentes inanimados, como diminutivo ou afectuoso (Dhongde/Wali 2009: 40), ao passo que o género neutro, o qual os autores apenas exemplificam com referentes animados, é considerado pejorativo:

Género	MASCULINO	FEMININO	NEUTRO
Valor	Tamanho (grande)	Tamanho (pequeno)	Rudeza / Aval. pejorativa
Exemplos	<i>goṭa</i> “pedra grande” <i>sura</i> “faca”	<i>goṭi</i> “pedra pequena” <i>suri</i> “faca de mesa”	-- --

Para além deste uso do sufixo de género feminino para indicar pequenez ou afecto, o marata faz uso de uma série de outros afixos com valor diminutivo e/ou avaliativo (v. Dhongde/Wali 2009: 173-174).

É notório que o fenómeno que acabamos de descrever para o guzerate e o marata é fundamentalmente diferente do processo de reinterpretção do diminutivo nos crioulos. Ao passo que nos crioulos norteiros observamos uma extensão do diminutivo para marcar o feminino em referentes humanos, nas línguas indo-árícas o que sucede é a extensão de um marcador de feminino para indicar o diminutivo em referentes inanimados. Porém, o

efeito final é precisamente o de produzir um sincretismo entre diminutivo e feminino, apoiado nas associações cognitivas que antes descrevemos.

Repare-se, por fim, que o conteúdo vocálico dos sufixos femininos em guzerate e marata é *-i*, sendo a sua semelhança com o diminutivo dos crioulos norteiros *-iŋ* um potencial factor de reforço da sua reinterpretação.

5. Conclusão

Neste estudo, analisámos um caso particular de extensão de um sufixo de diminutivo para indicar género feminino. Nos crioulos de Diu (actual e antigo) e Bombaim (antigo), o que se observa é que os casos de coincidência do sufixo diminutivo com referentes femininos não são incomuns, embora entre estes apenas em alguns se possam identificar inequivocamente pares nos quais caiba unicamente a este sufixo expressar o traço [+FEM]. Trata-se então de um uso marginal do sufixo diminutivo (pelo menos a partir de finais do séc. XIX), circunscrito, no contexto luso-asiático, aos crioulos norteiros, e que se manifesta inequivocamente apenas com referentes [+HUM]. Se a sua distribuição limitada constitui ou não um vestígio de um período no qual a aplicação deste sufixo com valor de feminino foi mais produtiva é pura conjectura, uma vez que não dispomos de dados anteriores ao séc. XIX tardio. Contudo, não será improvável que tal não tenha sido o caso; antes, que os poucos lexemas aos quais foi aplicada a estratégia tenham sido unicamente aqueles que apresentavam dificuldades ao nível da desambiguação de género natural, por os marcadores de género no étimo serem incompatíveis com a evolução fonológica dos crioulos e não estarem disponíveis modelos de desambiguação lexical.

Não sendo este um fenómeno abrangente, não deixa porém de ser significativo, tanto mais que prefigura uma divergência importante destes crioulos em relação ao português, o principal lexificador. Neste trabalho, foram considerados vários factores que podem ter intervindo neste processo, mas nem todos têm igual potencial explicativo. Algumas das considerações aqui feitas são de carácter cognitivo e, portanto, universalista, assentando numa tendência reconhecida nas línguas do mundo para fazer associar as noções de pequenez e género feminino. Apesar de ser admissível que esta associação pudesse, por si

só, ter motivado o tipo de extensão semântica em estudo, vimos que estão identificados nas línguas do mundo padrões alternativos favorecedores da cooptação de outros elementos para marcar género feminino. Assim, este facto é aqui interpretado não como um elemento decisivo no processo identificado nos crioulos norteiros mas como um factor de consolidação.

Outra hipótese analisada refere-se à possibilidade de alguns pares de palavras em português poderem, em termos sincrónicos, induzir uma interpretação do sufixo de diminutivo como marcador de feminino. Este facto, sendo lógico, é limitado e encontra alguns contra-exemplos, pelo que é preferível entendê-lo, quando muito, também como um factor de consolidação.

Quer as explicações universalistas quer aquelas que assentam no contributo da língua lexicadora, para além do mais, não permitem compreender a distribuição circunscrita do fenómeno, uma vez que são válidas também para os crioulos luso-asiáticos que não desenvolveram um sincretismo diminutivo-feminino (Korlai, Malabar, Sri Lanka, Malaca, Macau, Batávia, Tugu e Bidau). As características que distinguem os crioulos norteiros e o seu contexto linguístico, neste domínio, são: a) a sua tendência para a oxitonia, que suprime uma das possibilidades de desambiguação de género usadas por outros crioulos luso-asiáticos, nomeadamente a preservação de afixos átonos do português; e b) a presença de um sincretismo semelhante nas línguas dominantes na região, o guzerate e o marata.

Assim, consideramos que a conjugação destes dois factores foi essencial para desencadear o processo observado – essencial mas não determinante, já que o caso do crioulo de Korlai, com os mesmos constrangimentos fonológicos dos demais crioulos norteiros e sob influência do marata, demonstra que há estratégias alternativas para fazer a desambiguação de género natural.

Contudo, há algumas diferenças importantes entre o fenómeno nas línguas indo-áricas e nos crioulos norteiros, na medida em que as primeiras admitem uma leitura diminutiva de afixos femininos em referentes inanimados, ao passo que as segundas admitem uma leitura feminina do afixo diminutivo com referentes [+HUM]. O facto de a incidência do fenómeno e a direcionalidade da extensão semântica não serem as mesmas nas línguas envolvidas é particularmente interessante porque, admitindo que a reinterpretação do

diminutivo nos crioulos norteiros foi influenciada pelas línguas indo-áricas, não se terá tratado de um processo de decalque simples. Antes, deu-se a transferência de uma associação abstracta entre género (feminino) e tamanho (reduzido) que desencadeou um processo de extensão semântica interno aos crioulos.

Referências

Aikhenvald, Alexandra Y. (2000): “Gender and noun class”, em: Booj, Geert/Lehmann, Christian/Mugdan, Joachim *et al.* (eds.): *Morphologie: ein internationales Handbuch zur Flexion und Wortbildung*, vol. 2. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 1031-1045.

Baxter, Alan N. (1990): “Notes on the Creole Portuguese of Bidau, East Timor”, em: *Journal of Pidgin and Creole Languages* 5, 1, 1-38.

Baxter, Alan N. (2012): “Vestiges of etymological gender in Malacca Creole Portuguese”, em Ansaldo, Umberto (ed.): *Pidgins and Creoles in Asia*. Amsterdam: John Benjamins, 115-149.

Bekma, Peter/Geeraerts, Dirk (2000): “Diminution and augmentation”, em: Booj, Geert/Lehmann, Christian/Mugdan, Joachim *et al.* (eds.): *Morphologie: ein internationales Handbuch zur Flexion und Wortbildung*, vol. 2. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 1045-1052.

Cardona, George (1965); *A Gujarati reference grammar*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.

Cardona, George/Suthar, Babu (2003): “Gujarati”, em: Cardona, George/Jain, Dhanesh (eds.): *The Indo-Aryan languages*. New York: Routledge, 659-697.

Cardoso, Hugo C. (2006-2015): *Corpus oral do Crioulo Indo-Português de Cananor*. Inédito.

Cardoso, Hugo C. (2009): *The Indo-Portuguese Language of Diu*. Utrecht: Landelijke Onderzoekschool Taalwetenschap.

Cardoso, Hugo C. (2007-2010): *Corpus oral do Crioulo Indo-Português de Vaipim [Cochim]*. Inédito.

Cardoso, Hugo C. (2012): “Oral traditions of the Luso-Asian communities: local, regional and continental”, em: Jarnagin, Laura (ed.): *Portuguese and Luso-Asian Legacies, 1511-2011*, vol. 2 (*Culture and identity in the Luso-Asian world: Tenacities & plasticities*). Singapore: Institute of Southeast Asian Studies, 143-166.

Cardoso, Hugo C. (2014): “The case of addressees in Dravido-Portuguese”, em: *Papia* 24, 2, 307-342.

Clements, J. Clancy (1996): *The genesis of a language: The formation and development of Korlai Portuguese*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

Clements, J. Clancy (2012): “Notes on the phonology and lexicon of some Indo-Portuguese creoles”, em: Cardoso, Hugo C./Baxter, Alan N./Pinharanda Nunes, Mário (eds.): *Ibero-Asian Creoles: Comparative perspectives*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 15-46.

Dalgado, Sebastião Rodolfo (1900): “Dialecto indo-português de Goa”, em: *Revista Lusitana* 6, 63-84.

Dalgado, Sebastião Rodolfo (1903): “Dialecto indo-português de Damão”, em: *Ta-Ssi-Yang-Kuo*, Separata.

Dalgado, Sebastião Rodolfo (1906): “Dialecto indo-português do Norte”, em: *Revista Lusitana* 9, 142-166, 193-228.

Dalgado, Sebastião Rodolfo (1917): “Dialecto indo-português de Negapatão”, em: *Revista Lusitana* 20, 40-53.

Dhongde, Ramesh V./Wali, Kashi (2009): *Marathi* [London Oriental and African Language Library 13]. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

Di Garbo, Francesca (2014): *Gender and its Interaction with Number and Evaluative Morphology; And Intra- and Intergenealogical Typological Survey of Africa*. Dissertação de doutoramento, Stockholms Universitet.

Ferreira, José dos Santos (1978): *Papiá Cristâm di Macau: Epitome de Gramática Comparada e Vocabulário - Dialecto Macaense*. Macau: Tipografia da Missão.

Hasselrot, Bengt (1957): *Etudes sur la formation diminutive dans les langues romanes*. Uppsala: Uppsala Universitet Arsskrift.

Heine, Bernd/Kuteva, Tania (2002): *World Lexicon of Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press.

Jurafsky, Daniel (1996): “Universal tendencies in the semantics of the diminutive”, em: *Language* 72, 3, 533-578.

Kossmann, Maarten (2014): “Derivational gender in Moroccan Berber: Examples from Ayt Seghrushen”, em *STUF – Language Typology and Universals* 67, 1, 21-33.

Masica, Colin P. (1991): *The Indo-Aryan languages*. Cambridge: Cambridge University Press.

Maurer, Philippe (2011): *The former Portuguese Creole of Batavia and Tugu (Indonesia)*. London: Battlebridge.

Maurer, Philippe (2013): “Batavia Creole”, em Michaelis, Susanne M./Maurer, Philippe/Haspelmath, Martin/Huber, Magnus (eds.): *The Survey of Pidgin & Creole Languages*, vol. II. Oxford: Oxford University Press, 131-139.

Michaëlis de Vasconcellos, Carolina (1921): *Algumas palavras a respeito de púcaros em Portugal*. Coimbra: Imprensa da Universidade.

Pereira, A. Gomes (1909): “Tradições populares e linguagem de Vila Real”; parte II, em: *Revista Lusitana* 12, 93-132.

Quadros, Jerónimo (1907): *Cartas de Diu; Primeira Série (1902-1905)*. Nova Goa: Tipografia da “Casa Luso-Francesa”.

Rio-Torto, Graça/Rodrigues/Alxandra Soares/Pereira, Isabel/Pereira, Rui/Ribeiro, Sílvia (2013): *Gramática Derivacional do Português*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Schuchardt, Hugo (1883): “Kreolische Studien III. Über das Indoportugiesische von Diu”, em: *Sitzungsberichte der Kaiserlichen Akademie der Wissenschaften zu Wien (philosophisch-historische Klasse)* 103, 3-18.

Schuchardt, Hugo (1890): “Kreolische Studien IX. Über das Malaioporgugiesische von Batavia und Tugu”, em: *Sitzungsberichte der Kaiserlichen Akademie der Wissenschaften zu Wien (philosophisch-historische Klasse)* 122, 9, 1-256.

Smith, Ian R. (1977): “Sri Lanka Creole Portuguese Phonology”, Dissertação de doutoramento, Cornell University.

Villalva, Alina (2003): “Aspectos morfológicos da gramática do português”, em: Mateus, Maria Helena Mira/Brito, Ana Maria/Duarte, Inês/ Faria, Isabel Hub/Frota,

Sónia/Matos, Gabriela/Oliveira, Fátima/Vigário, Marina/Villalva, Alina: *Gramática da Língua Portuguesa*, 5ª edição. Lisboa: Caminho, 915-983.

Villalva, Alina (2009): “Sobre a formação dos chamados diminutivos em Português Europeu”, em: Brito, Ana Maria/Silva, Fátima/Veloso, João/Fiéis, Alexandra (eds.): *Actas do 25º Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Porto: Associação Portuguesa de Linguística, 787-793.